

ANTROPOLOGIA E O ENSAIO: ANTROPOLOGIA E TRADUÇÃO

Aluno: Alexandre Lopes Tamoios

Orientador: Valter Sinder

Introdução

As narrativas autobiográficas quando colocadas frente aos conceitos de produção de verdade enfrentam as dificuldades que somente um gênero em construção poderia encarar. Primeiro, a manipulação da história narrada deve ir ao encontro do pacto firmado entre o autor e leitor; segundo, o desenvolvimento de cada história deve forçar aquele que lê a acreditar que a narrativa no livro está fundamentada em algum pedaço da vida do autor.

Partindo do pressuposto que, no exercício da tradução cultural, as autobiografias ganham caráter decodificador quando são submetidas às interpretações do leitor e quando sujeitas as investigações críticas de quem puramente fez de sua vida a rotina de desvendar os vacilos do outro, as autobiografias, memórias e autoficções se estabeleceram.

Objetivo

Compreender o percurso traçado pelas autobiografias enquanto escritas do eu. Procurar entender as narrativas como um campo de construção de verdade, de elaboração de realidades que podem ou não ser contestadas pelo leitor, dependendo tão somente do acordo estabelecido com o mesmo.

Esmiuçar as escritas compostas ora pela experiência de quem escreve, ora pelo pacto de referencialidade firmado com quem lê. Procura-se delinear o desenvolvimento das narrativas autobiográficas no ambiente controverso da literatura, penetrar em suas características para poder defini-lo enquanto gênero de escrita. Observar as diversas formas de construir escritas de si, suas contradições, seus personagens infiltrados nos romances tentando de alguma forma estudar as múltiplas verdades e realidades.

Entender a partir dos pactos estabelecidos pelos autores com os leitores os desdobramentos da escrita, esse pacto pode ter diversas formas, sendo que sua constituição se dá no decorrer da narrativa, na medida em que o envolvimento do leitor se confunde na trama da narrativa e do personagem.

A possibilidade de ter em mãos variados fragmentos de escrita de si torna passível de estudo as autobiografias enquanto estilo, dessa maneira conclui-se que toda certeza que se infunde é a de que as experiências vividas pelo estranho pode permanecer adormecidas quando encontradas em mãos do narrador, sendo somente um instrumento de construção de realidade, apresentando sempre na forma de escrita pessoal uma verdade inventada a partir de um fio de memória.

Procuramos na impessoalidade das narrativas autobiográficas encontra seus personagens dotados de confusão, de questionamento do real, da familiaridade do autor/narrador, nesse âmbito as autobiografias se constituem enquanto corpo de um gênero na sua peculiaridade, se afirmando como estilo, com características próprias que compõem sua autenticidade.

Sendo assim, as autobiografias se encaixam no corpo de um gênero, não só por sua peculiaridade, mas pela busca de construção de verdades amalgamadas entre o factual e o real.

Concentramos-nos também em desvendar a dificuldade de dissociar a figura do autor com a do escritor, o esforço feito para deslocar a figura do personagem com a do autor, sendo que cada narrativa se posiciona de diferente maneira de acordo com a ênfase dada a si mesma nos questionamentos recorrentes da memória coletiva.

Metodologia

Consiste em reuniões semanais com o professor, abarcando uma carga teórica considerável e discussões a respeito do tema (autobiografias, memórias e autoficções). Livros, textos, áudio e vídeo, uma variedade de formas de compreender o caminho feito pelas autobiografias, memórias e autoficções compõem o ambiente das discussões e é usado como metodologia para se descobrir o emaranhado de significado que possui as autobiografias. Nas discussões tenta-se desvendar como são escritas e manipuladas pelos autores as narrativas inseridas entre o factual e o real e como são lidas pelos leitores os textos referentes às autobiografias.

Mas o que compõem mesmo a metodologia da pesquisa é a interpretação de textos indicados pelo professor, que vai orientando as leituras e indicando o caminho a ser traçado para se concluir o significado das escritas de si.

Conclusão

O projeto consiste num conjunto de análises apresentadas porque tratam fundamentalmente do percurso traçado pelas narrativas autobiográficas no campo da literatura e o esforço que tem feito essas narrativas para se afirmar enquanto estilo literário. A autobiografia compreende uma constelação de vertentes onde “autoficção”, memórias, diários e biografias estão envolvidos. Compila e esmiúça afirmativas em comentários sobre as diversas formas de produzir literariamente escritas de si.

A princípio a pesquisa descreve a dificuldade de deslocar a figura do narrador com a do escritor nas narrativas que relatam as experiências de quem escreve e chama atenção para a relação estabelecida entre o texto e o leitor; mostra como a experiência pessoal narrada não só conta a vida de quem escreve, mas rememora o ambiente de um grupo todo, de indivíduos que se identificam com o que esta sendo escrito; um exemplo disso são as escritas de cunho político que estiveram e acompanharam de perto as narrativas onde o valor propriamente dito das experiências contadas marcaram o processo de transformações da literatura brasileira, remetiam a um período de mudanças na sociedade, e não somente no desenvolvimento ficcional das produções literárias, trata-se de uma forma de preservar a memória viva de quem escreve e de daquele que lê.

Pode-se dizer que cada narrativa de si se posiciona de diferentes maneiras de acordo com atenção dada a si mesmo, lançando mão de um questionamento de si mesmo numa memória coletiva. Há nas autobiografias, memórias e autoficções afirmativas que sustentam o retorno do autor ligado a certo exibicionismo nas narrativas “autoficcionais”, entretanto esse mesmo exibicionismo tratado como sinais de vaidade nas autobiografias, pode ser usado para criticar ou resgatar política e culturalmente momentos históricos esquecidos ou adormecidos.

Tratar as escritas de si não como um estilo literário recente, mas como uma das noções mais antigas de escrita de si do ocidente. Para reforçar a ideia podemos dizer que a autobiografia está presente até mesmo em narrativas que não se apresentam como tal, digo isso devido à dificuldade de se escrever qualquer tipo de narrativa ficcional descolado das experiências vividas por quem escreve a árdua tarefa de evitar que a narrativa seja contagiada no exercício inventivo da escrita, por mínimo que seja toda

narrativa tem um pouco da vida do autor, mostrando o quão intrincado é redigir ficções sem penetrar a própria memória.

No campo da “autoficção” pode-se compreender um conjunto o qual memórias, diários, autobiografias e ficções do eu estão inseridas na mesma constelação da autobiografia, conclui-se que toda obra autobiográfica não existe puramente, nota-se que sempre há um pouco de cada vertente daquilo que compreende a autobiografia.

Nesse ponto me chamou atenção a narrativa da própria vida mesclada com pensamentos imaginários do autor, a capacidade de tornar interessante a narrativa da própria vida e apresentar ao mesmo tempo as experiências vividas misturadas entre a ficção e a realidade. A ficção nos apresenta muito mais da verdade do que o mero relato sincero do que ocorrerá. Nesse caso a ficção seria superior ao discurso autobiográfico, pois o escritor não tem como prioridade contar sua vida, mas elaborar um texto artístico onde a vida é uma matéria casual. Podemos dizer indiretamente – a junção dos elementos autobiográficos e ficcionais é essencial para o desenvolvimento do gênero.

O fato autobiográfico sugere que o duplo compromisso com o leitor se desenvolva na medida em que se narra e apresenta como algo verídico (pacto referencial). Por outro lado deve haver a persuasão do leitor, o escritor em sua narrativa deve ser o mesmo que assina o livro (princípio da identidade); que estabelece que o autor, narrador e protagonista são a mesma pessoa. Nessa mistura entre ficção e autobiografia o pseudônimo é simplesmente uma “referenciação”, um desdobramento do nome de quem assina o livro sem alterar a identidade.

Para o leitor, o que consolida a autobiografia é o nome (identidade); o desafio está na mistura entre a falsa identidade e a narrativa da própria vida, deixar o leitor confuso e passar a sensação de estar no universo ficcional.

Referências bibliográficas:

Klinger, Diana Irene – escritas de si, escritas do outro – o retorno do autor e a virada etnográfica, 2007

Sinder, Valter – Configurações narrativa, verdade, literatura e etnografia, 2002

Versiani, Daniela Beccaccia – Autoetnografias – conceitos alternativos em construção, 2005